

50 ANOS DO PRIMEIRO LIVRO DE EDUARDO FRIEIRO

Danilo Gomes

Eduardo Frieiro, escritor, e grande escritor. Filho de imigrantes espanhóis, e que, lutando contra dificuldades, começou a vida como tipógrafo da Imprensa Oficial de Minas Gerais, onde foi ocupando melhores postos, graças a seus próprios méritos. Um nome que é uma legenda, um símbolo de trabalho metódico, tenaz, inteligente, a serviço da melhor literatura. Autodidata, sem ter freqüentado colégios ou universidades, aposentou-se como catedrático da Faculdade de Filosofia da UFMG. Mineiro nascido em Matias Barbosa, tornou-se, além de festejado romancista, crítico respeitado e poderoso ensaísta, com numerosos livros publicados. Problemas de visão têm-no impedido de colaborar em jornais, atividade que exerceu por tantos anos e com ampla audiência.

Mas, as gerações emergentes conhecem bem esse escritor? Creio que, lamentavelmente, não. Então, é hora de recordarmos um pouco a figura desse intelectual que, em Belo Horizonte, onde mora há décadas, acaba de completar 85 anos de idade, ao lado de D. Noêmia, esposa solícita e secretária diligente. O momento é oportuno: estamos comemorando (ou devíamos comemorar) o cinquentenário do aparecimento de seu primeiro livro, **O Clube dos Grafômanos** (Edições Pindorama, BH, 1927).

Gerações de intelectuais brasileiros receberam a benéfica influência desse homem de pensamento, desse escritor de idéias, desse ensaísta afinado com as melhores correntes estéticas. Foi o primeiro a escrever, no Brasil, sobre Sartre, abordando, em

1939, **La Nausée**. Conhecedor profundo dos segredos, dos mistérios, da tragédia e da comédia da literatura. Onde está a «coisa literária», ali está Frieiro buscando penetrá-la, argüí-la, absorvê-la e transmiti-la.

De sua bibliografia constam as seguintes obras já publicadas: **O Clube dos Grafômanos; O Mameluco Boaventura; Inquietude, Melancolia** (a que deu novo título, **Basileu**); **O Brasileiro não é Triste; A Ilusão Literária; O Cabo das Tormentas; Letras Mineiras; Os Livros, Nossos Amigos; Como Era Gonzaga?; Páginas e Crítica e Outros Escritos; O Romancista Avelino Fóscolo; O Diabo na Livraria do Cônego e outros Temas Mineiros; O Alegre Arcipreste e Outros Temas de Literatura Espanhola; Feijão, Angu e Couve; O Elmo de Mambrino, Torre de Papel**. Inéditos, tem **Bocejos de Salomão; Glosas de Vária Lição; Escritores Animalistas; Páginas de Literatura Hispano-Americana**, e um monumental **Diário**, que vem escrevendo há décadas.

Eduardo Frieiro recebeu o grau de Doutor em Letras Neo-Latinas pela Faculdade de Filosofia da UFMG, da qual foi (desde 1940) catedrático de Literatura Espanhola e Hispano-Americana. Nosso escritor foi Diretor da excelente revista **Kriterion**, daquela Faculdade. Lecionou também História no Livro na Faculdade de Biblioteconomia da UFMG. Planejou a Biblioteca Pública de Minas Gerais, de que foi Diretor por 9 anos. Recebeu a Medalha do Mérito da Inconfidência, conferida pelo Governo de seu Estado. Em 1960, a Academia Brasileira de Letras, outorgou-lhe o Grande Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Ocupa na Academia Mineira de Letras a cadeira nº 7.

Autêntico bibliófilo, leitor incansável, impenitente, ama o livro não apenas na sua substância como também na sua apresentação material, possuindo uma imensa biblioteca.

Solitário, seu tanto arredio, nunca ligado a qualquer tipo de escola ou «igrejinha» literária, Frieiro se auto-define como um «Robinson solitário». Prefere o seu canto, o sossego de sua biblioteca, a sua «cova de urso cavernícola», como escreveu na dedicação que me fez de seu **O Clube dos Grafômanos**, hoje uma raridade. No entanto, é homem de tratamento afável. Nesse particular,

parece-se com Samuel Rawet. São ambos infensos aos holofotes e às berlindas, um tanto pessimistas, mas cheios de urbanidade no trato com os companheiros.

Dezenas e dezenas de artigos, com os mais consagradores elogios, foram escritos sobre os trabalhos magistrais de Eduardo Frieiro, e são assinados por nomes da envergadura de João Ribeiro, Humberto de Campos, Agripino Grieco, Aires da Matta Machado Filho, Luiz da Câmara Cascudo, Raimundo de Menezes, Sud Menucci, Oscar Mendes, Emílio Moura, Guilhermino César, Brito Broca, Josué Montello, Wilson Castelo Branco, Afrânio Coutinho, Elói Pontes, Ivan Lins, Wilton Cardoso, José Condé, Fritz Teixeira de Salles, Heitor Martins, tantos outros.

Conhecem profundamente sua obra — dentre outros — meus amigos Maria José de Queiroz (sua brilhante ex-aluna e sucessora na Faculdade de Filosofia) e Gualter Gontijo Maciel (escritor e jornalista hoje residente em Brasília), que vê nele, Frieiro, um «clerc» à maneira de Julien Benda.

Quando nosso autor completou 40 anos de literatura, o Suplemento Literário do **Minas Gerais** dedicou-lhe um número especial.

O Clube dos Grafômanos, o livro cinqüentenário, é um romance crítico, espécie de crônica da vida literária de Belo Horizonte àquela época. Desde então, outros livros do mestre foram surgindo e sua obra ganhou cada vez mais em importância, sedimentando as qualidades do autor, que são, basicamente: clareza cartesiana na exposição de idéias e conceitos; erudição bem dosada ao longo das páginas — nunca indigesta, nunca servida em doses sufocantes; elegância ática de estilo, numa sintaxe soberba; concisão; adjetivação moderada; e essa ironia que chega por vezes a ser mordaz, mas que encerra um ceticismo sadio e equilibrado diante da literatura e da vida. Frieiro sabe gracejar dos outros e de si mesmo como só um Shaw saberia fazê-lo.

Pessoalmente, dou testemunho do quanto Frieiro contribuiu, com seus artigos de imprensa e seus livros; principalmente, na formação do meu espírito. Por vários anos fui seu leitor constante, de lhe não perder uma só linha. Honra-me com a sua amizade de mais de 10 anos. Visitei-o, pela primeira vez, na tarde

de 6 de março de 1966, na sua casa da Avenida Francisco Sales, nº 1.610, aonde várias vezes voltei para aprender mais e desfrutar de sua amável convivência. Aturava-me por horas, com o que se deve ter livrado de boa temporada no Purgatório. O «curso cavernícola» em sua toca, o Robinson Crusóe em sua ilha de livros, foi sempre um amante da conversação, um cortês anfitrião. Sobre ele tive a satisfação de escrever alguns artigos e até um trabalho de certo fôlego, quando estudava Biblioteconomia na UFMG, apresentando-o, como exercício de fim do primeiro semestre de 1966, à Professora Ana Maria Polke.

Deu-me Eduardo Frieiro a honra de responder às cartas que eu, na angústia da primeira mocidade, procurando caminhos, lhe dirigi. Saiu de seus cuidados para responder ao neófito atribulado. A primeira resposta com que me obsequiou data de 28 de agosto de 1962. Ali está este trecho: «Disse-me que tem 20 anos. Não era preciso dizer-me. Sua inquietação, sua sofreguidão em obter respostas para muitas dúvidas, sua necessidade de se apoiar em algumas idéias repousantes, estão a proclamá-lo. Tudo o que me escreve é próprio da primeira mocidade. *Il faut que jeunesse passe*».

Sim, era preciso que o fogaréu da mocidade amainasse, que se aplacasse aquele ímpeto de publicar o primeiro livro (geralmente um gesto de que mais tarde se arrepende). Só o tempo me daria as respostas. Não obstante avesso a dar e receber conselhos, o autor de «O Elmo de Mambrino» me recomendava, na carta de 10 de agosto daquele ano de 1962, que lesse os poetas Bandeira, Drummond, Emílio Moura, Vinicius de Moraes, João Cabral de Mello Neto, Murilo Mendes, Bueno de Rivera, e, entre os prosadores, Kafka, Sartre, Faulkner, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Graciliano Ramos. Que lesse os grandes clássicos da literatura universal. Isso, depois de desancar com boas pauladas uns horríveis e ordinários versos que «perpetrei» e ousei submeter à sua alta apreciação. Nunca mais pensei em ser poeta, para bem de todos e dignidade das letras pátrias. Minha «vocaçã» de poeta morria a competentes pauladas à porta do nº 1.610 da Avenida Francisco Sales.

Quanto aprendi com Frieiro, nos livros, nos artigos de imprensa, nas revistas, nas cartas, nos bate-papos, em sua casa ou na Avenida Afonso Pena e Rua da Bahia, onde à tarde ele gostava de caminhar a passos lentos, modesto como sempre, a espaiar o espírito de fatigantes exercícios intelectuais!

Este artigo, escrito com emoção, a propósito dos 50 anos de **Clube dos Grafômanos** e embora focalizando superficialmente a figura exemplar de Eduardo Frieiro, tem a finalidade de despertar nos mais jovens o desejo de conhecer a obra que ele nos tem legado, essa ampla e importante frieiriana que está a merecer reedição.

Significa também este artigo uma pequena homenagem ao grande escritor e querido amigo, que acaba de completar 85 anos de laboriosa e fecunda existência.

Brasília, 1º de agosto de 1977.